

CONHECIMENTO POPULAR DE MORADORES DO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA (MG, BRASIL) SOBRE O GÊNERO *MAZAMA* RAFINESQUE, 1817 (CERVIDAE)

MARCELO COELHO MIGUEL GEHARA¹, GABRIELA CUNHA RIBEIRO², EDUARDO LAGE BISAGGIO
& ARTUR ANDRIOLO⁴

¹Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Laboratório de Biologia Genômica e Molecular, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil. Av. Ipiranga 6681, Prédio 12C - Sala 172 Bairro Partenon- Porto Alegre – RS CEP. 90619-900 (marcelogehara@yahoo.com.br)

²Programa de Pós-Graduação Mestrado em Zoologia Aplicada, UESC, Rodovia Ilhéus-Itabuna Km 16, Ilhéus, BA, Brasil (gabrielacunha@click21.com.br)

³(ebisaggio@click21.com.br)

⁴Departamento de Zoologia, Instituto de Ciências Biológicas, UFJF, Campus Universitário 36036-900, Juiz de Fora, MG, Brasil (artur.andriolo@ufjf.edu.br)

(Conhecimento popular de moradores do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca (MG, Brasil) sobre o gênero *Mazama Rafinesque, 1817 (Cervidae)*) – O gênero *Mazama* está amplamente distribuído na América do Sul, sendo que no Brasil é representado por cinco espécies. As espécies deste gênero são pouco estudadas, pois possuem comportamento arreado e evasivo, o que dificulta a utilização de métodos tradicionais de pesquisa de fauna. O estudo do conhecimento popular pode muitas vezes auxiliar nos estudos de fauna, além de ser de grande importância para a conservação de espécies. No presente trabalho foram realizadas entrevistas em cinco vilarejos no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca, MG, Brasil, com o objetivo de avaliar o conhecimento popular sobre o gênero *Mazama* nesta região. Os resultados mostraram diferenças significativas entre sexo, idade, tempo de moradia dos entrevistados, e tamanho do vilarejo onde vivem, com relação às avistagens de espécies de *Mazama*. Concluímos, também, que os moradores da região são provavelmente incapazes de identificar as espécies deste gênero.

Palavras-chave: *Mazama*, etnobiologia, Ibitipoca.

(Popular knowledge of the inhabitants of the surroundings of the Ibitipoca State Park (MG, Brazil) about the genus *Mazama Rafinesque, 1817 (Cervidae)*) – The genus *Mazama* is widely distributed along South America. In Brazil, it is represented by five species. There are few studies on this species' biology because of its withdrawn behavior. This fact turns it difficult to implement traditional methods of fauna research. The study of popular knowledge can help in many ways in a fauna investigation, and it is very important in a conservation plan. In this work, we interviewed the people of five villages around the Ibitipoca State Park, MG, Brazil, to evaluate the popular knowledge about the genus *Mazama* in this region. Our data show significant differences among age, sex, time of living and size of the village, concerning the sightings of *Mazama* species. We also concluded that the people of this region are probably unable to identify the species of this genus.

Key words: *Mazama*, Ethnobiology, Ibitipoca.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em espécies de cervídeos. O gênero *Mazama* Rafinesque, 1817 pertence à família Cervidae Gray, 1821, ordem Artiodactyla Owen, 1848 e se apresenta bem controverso com relação à taxonomia e ao número de espécies. CABRERA (1960 *apud* DUARTE, 1997) cita três espécies para o Brasil: *M. americana* Erxleben, 1777, “veado-mateiro”; *M. gouazoubira* Fischer, 1814, “veado-catingueiro”; *M. rufina* Bourcier & Pucheran, 1852, “veado-bororó”, atualmente reconhecida no Brasil como *M. nana* Hensel, 1872. DUARTE (1997) confirma a existência de mais duas espécies brasileiras: *M. bororo* Duarte, 1992 e *M. rondoni* Duarte, 1996.

O gênero *Mazama* ocorre desde o sul do México até a parte central da Argentina. As espécies ocupam áreas em uma grande variedade de habitats, como florestas altas e baixas, florestas tropicais, mata Atlântica, alagados e cerrado. As espécies *M. americana* e *M. gouazoubira* são as mais abundantes e estão distribuídas por todo o Brasil.

M. americana é altamente dependente de florestas altas, enquanto *M. gouazoubira* adapta-se bem a áreas cultivadas, necessitando, entretanto, de pelo menos pequenas manchas de florestas para proteção e complemento de sua dieta. *M. nana* ocorre em mata Atlântica de interior nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, sendo a terceira espécie mais abundante do gênero. A distribuição de *M. bororo* está restrita aos remanescentes florestais das regiões do sul de São Paulo e leste do Paraná, ocorrendo em áreas com vegetação de mata Atlântica no estágio primário ou secundário (DUARTE, 1997; EISEMBERG & REDFORD, 1999; VOGLIOTTI, 2003). A densidade populacional e o tamanho da área utilizada por esses animais dependem de certas condições, como distribuição de alimentos, necessidade energética dos indivíduos, possibilidades de reprodução, risco de predação, competição e do ecossistema onde ocorrem.

Os cervídeos deste gênero apresentam ampla variação morfológica, mesmo quando se trata da mesma espécie. Tal variabilidade está relacionada com a

distribuição geográfica e com o habitat do animal, podendo ocorrer também entre indivíduos da mesma população. A maior variação ocorre quanto à coloração da pelagem, que pode variar de acinzentada a marrom, passando por tons avermelhados. A diferença do porte é importante na distinção das espécies, pois estas podem ser de pequeno porte (peso abaixo de 17 Kg), *M. nana* e *M. rufina*; médio (17 a 23 Kg), *M. gouazoubira*, ou grande (acima de 25 Kg), *M. americana* e *M. bororo* (DUARTE, 1997).

As espécies do gênero *Mazama* alimentam-se basicamente de frutos carnosos e folhas, porém, dependendo da disponibilidade estacional destes itens, podem se alimentar de flores e frutos fibrosos (GAYOT *et al.*, 2004). Alguns autores relatam ainda a utilização de fungos na dieta destes animais, principalmente na estação das chuvas (EISENBERG & REDFORD, 1999). No entanto, estudos relativos aos hábitos alimentares do grupo são raros e inconclusivos (OLIVEIRA & DUARTE, 2006).

Estudos sobre reprodução, estrutura social e fenologia das espécies do gênero são igualmente escassos. Segundo EISENBERG & REDFORD (1999), veados do gênero *Mazama* não formam grandes grupos e podem ser encontrados sozinhos ou em pares reprodutivos. Os machos possuem chifres que podem ser trocados anualmente ou bianualmente. Segundo estes autores, *M. americana* pode apresentar um período reprodutivo de agosto a outubro. DUARTE (1997) descreve que em *M. gouazoubira* não existe padrão para troca de chifres e que tendem a ser solitários e territorialistas. A reprodução pode ocorrer o ano todo se não houver um período crítico de escassez de alimentos.

Tendo em vista essas informações, nota-se que a família Cervidae, e principalmente o gênero *Mazama*, são pouco estudados e ainda existem muitas dúvidas acerca do conhecimento sobre estes animais. Isto ocorre especialmente devido a características comportamentais do grupo, que se apresenta extremamente arredio e evasivo (VOGLIOTTI, 2003), além de sofrer de um alto estresse ao contato humano. Essas características, aliadas ao fato de estas espécies ocorrerem em locais de difícil acesso, fazem com que a utilização de métodos tradicionais de estudos de fauna seja de difícil implementação, sendo necessário incorporar informações fornecidas por populações humanas, como é o caso do trabalho de RUMIZ *et al.* (2006). O conhecimento popular pode auxiliar na obtenção de informações importantes para identificação de espécies, além de fornecer dados sobre diversos aspectos ecológicos e comportamentais, já que muitas vezes a área de vida da população rural se sobrepõe ao ambiente freqüentado por esses animais.

Uma associação estreita e fundamental entre a diversidade cultural e biológica tem sido reconhecida e considerada em grupos interdisciplinares, incluindo especialistas em ciências ambientais (BEGOSSI *et al.*, 1999; DIEGUES, 2000). A integração de aspectos sociais na pesquisa biológica vem sendo mais valorizada no meio acadêmico,

pois se reconhece que a busca da sustentabilidade envolve relações entre diversos tipos de conhecimentos e práticas (ALVES *et al.*, 2002). A utilização do conhecimento da comunidade sobre aspectos naturais pode auxiliar na identificação das espécies presentes. Conhecer o que a comunidade pensa sobre o ecossistema e os animais é de fundamental importância para conservação e manejo da fauna. Esta afirmação levanta questões, tais como, “de que maneira associar a utilização nativa dos recursos naturais e a conservação da biodiversidade?”. Para isso, várias atividades humanas, valores e arranjos institucionais que influenciam a biodiversidade devem ser levados em conta (BEGOSSI *et al.*, 1999).

Grupos humanos respondem à diversidade biológica categorizando-a culturalmente e organizando-a em padrões. Obtendo continuamente informações empíricas, o homem constrói seu conhecimento. Este difere do conhecimento científico, baseado na formulação e validação de hipóteses, porém, a sabedoria prática e as inúmeras informações empíricas enriquecem tal conhecimento (GASALLA, 2003). Embora muitos acadêmicos de formação clássica contestem resultados obtidos de trabalhos etnobiológicos, PAZ & BEGOSSI (1996) mostraram que o conhecimento dos pescadores sobre ecologia e comportamento dos peixes, além de possuir sistemas hierárquicos de classificação que incluem critérios morfológicos e ecológicos, está, em grande parte, em concordância com a literatura científica. Exemplos de manejo local por comunidades nativas demonstraram o grande potencial que estas populações têm no que se refere à conservação, bem como as possibilidades de cientistas e a população local trabalharem juntos em unidades de conservação (BEGOSSI, 1998).

A origem da etnobiologia, definida como “o estudo das ciências biológicas praticadas por vários povos estudados pela etnologia”, inclui a primeira referência à etnozootologia datando de 1899 (CLÉMENT, 1998).

No Brasil, estudos de etnozootologia têm enfocado especialmente a etnoictologia (BEGOSSI & GARAVELLO, 1990; BEGOSSI & FIGUEIREDO, 1995; MARQUES, 1995). Estudos já publicados de etnotaxonomia, ou seja, sobre processos de classificação, identificação e nomenclatura dos organismos, que incluem outros vertebrados, são escassos no Brasil. O presente trabalho teve como objetivo a descrição de conhecimentos e crenças de moradores do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca, MG, sobre cervídeos do gênero *Mazama*.

MATERIAL E MÉTODOS

A área de estudo compreendeu a região do Parque Estadual do Ibitipoca, criado em 1973 e atualmente com uma área de 1.488 ha. Está localizado no sudeste de Minas Gerais, entre o Planalto de Itatiaia e o Planalto de Andrelândia, compreendido pelas coordenadas 21°40' a 21°43' Sul e 43°52' a 43°54' Oeste. As informações sobre o gênero *Mazama* foram coletadas por meio de entrevistas com moradores de

Bom Jesus do Vermelho, Conceição do Ibitipoca, Mogol, Moreiras e Rancharia, sendo todos estes vilarejos localizados no entorno do Parque. No período de abril de 2004 a março de 2005, foram realizadas 101 entrevistas semi-estruturadas, nas quais os entrevistados puderam discorrer livremente sobre sua vida e suas experiências com o grupo estudado. No final de cada entrevista foi apresentado um conjunto de fotos das espécies brasileiras de cervídeos (*Mazama gouazoubira*, *M. americana*, *M. bororo* e *M. nana*, retiradas de DUARTE, 1997), para a possível identificação pelo entrevistado (Fig. 1).



Fig. 1. Entrevistado apontando a suposta espécie avistada.

Com o término da entrevista, foi preenchida uma ficha com os seguintes dados: nome do entrevistado, idade, local de origem, local de residência, tempo de moradia na região, local e data da visualização do veado, espécie que ocorre na região pela identificação das fotos e outras informações. Este método possibilita coletar dados com maior fidelidade, pois o entrevistado se sente à vontade durante o diálogo, respondendo espontaneamente às perguntas. Embora as entrevistas tenham tido um caráter informal, o entrevistado sempre que possível forneceu as informações necessárias para o preenchimento total da ficha.

Para a análise dos dados, os vilarejos foram divididos de acordo com o número aproximado de habitantes; vilarejos com menos de 100 habitantes foram classificados como pequenos; vilarejos com mais de 100 e menos de 300 foram classificados como médios e os com número maior que 300 habitantes foram classificados como grandes. Os entrevistados também foram divididos em classes de acordo com a idade; até 20 anos classe A; de 21 a 40 anos classe B; de 41 a 60 anos classe C; mais de 61 anos classe D. Os entrevistados com tempo de moradia na região superior a 30 anos foram agrupados na classe 1 e os entrevistados com tempo menor que 30 anos na classe 2.

Análise dos resultados foi feita segundo o modelo de união das diversas competências individuais (HAYS *apud* MARQUES, 1991); as variáveis avistagem, sexo, classe dos vilarejos, classes de idade, tempo de moradia e naturalidade foram analisadas pelo método não-paramétrico Kruskal-Wallis. Para a comparação de duas variáveis, utilizou-se Mann-Whitney.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 101 pessoas, sendo 29 de Conceição do Ibitipoca; 22 de Moreiras; 15 de Mogol; 13 de Rancharia; e 22 de Bom Jesus do Vermelho. Deste total, 58 eram homens e 43 mulheres. A idade dos entrevistados variou de 12 a 85 anos; 15 entrevistados se enquadraram na classe A (até 20 anos); 27 na classe B (21-40 anos); 37 na classe C (41-60 anos) e 15 na classe D (mais de 61 anos). Foram entrevistados 81 nativos, pessoas que nasceram na região, e 19 não nativos; 53 entrevistados moram na região há mais de 30 anos e 41 moram há menos de 30 anos. O número total de entrevistados que já avistaram veados na região foi 70 (69%). Com base nas fotos apresentadas, 26 (37%) apontaram *Mazama nana*, 15 (21,5%) apontaram *M americana*, 15 (21,5%) *M. gouazoubira*, 9 (13%) *M. bororo* e 5 (7%) não souberam apontar (Fig. 2A).

Dentre as 70 pessoas que relataram ter avistado veados na região, 75% foram homens, com diferença significativa entre o número de homens e de mulheres que avistaram, ($U = 651,0$; $p < 0,001$) (Figs. 2B e 2C). Provavelmente isso ocorre por que os homens têm um contato mais estreito com o ambiente natural, devido ao trabalho nos campos, próximos a fragmentos de mata. Foi observado também que as mulheres da região ocupam-se principalmente do trabalho doméstico. Das mulheres entrevistadas, 19% afirmam nunca terem avistado veados por não trabalharem na “roça”, e assumem que seus maridos já avistaram devido ao trabalho rural, como Dona R., 34 anos: “é mais homem que vê... quem trabalha na roça”, entre outros. Além disto, outros indícios de que uma proximidade estreita com a natureza é necessária para a avistagem são encontrados entre os depoimentos, como o de Dona D., 61 anos que disse “quando buscava lenha na mata avistava. Agora que não busca, não avista mais”.

Os moradores de vilarejos médios, Moreiras e Rancharia, foram os que mais avistaram um cervídeo; dos 35 entrevistados nesses vilarejos, 31 avistaram A diferença entre as avistagens nos diferentes tamanhos de vilarejos foi significativa [$H(2, N=101) = 9,259193$; $p = 0,0098$] (Fig. 2D). Vilas de tamanhos diferentes possuem paisagens diferentes. Em vilas pequenas e médias, devido ao número reduzido de casas, a maioria está bem próxima de bordas de mata e capoeiras, o que torna a avistagem mais fácil. Em vilas grandes, somente as casas da borda da vila possuem este contato. No entanto, o vilarejo pequeno Mogol, apresentou número de avistagem pequeno, podendo refletir a ausência deste animal na localidade. Além disso, os moradores dos vilarejos médios parecem exercer atividades onde a avistagem desses cervídeos é mais fácil, como por exemplo, plantações e atividades próximas à mata. Por outro lado moradores de vilarejos grandes geralmente exercem atividades no interior dos vilarejos propriamente ditos, como comércio e construção civil.

Não houve diferença significativa entre o número de avistagens entre nascidos e não nascidos na região.

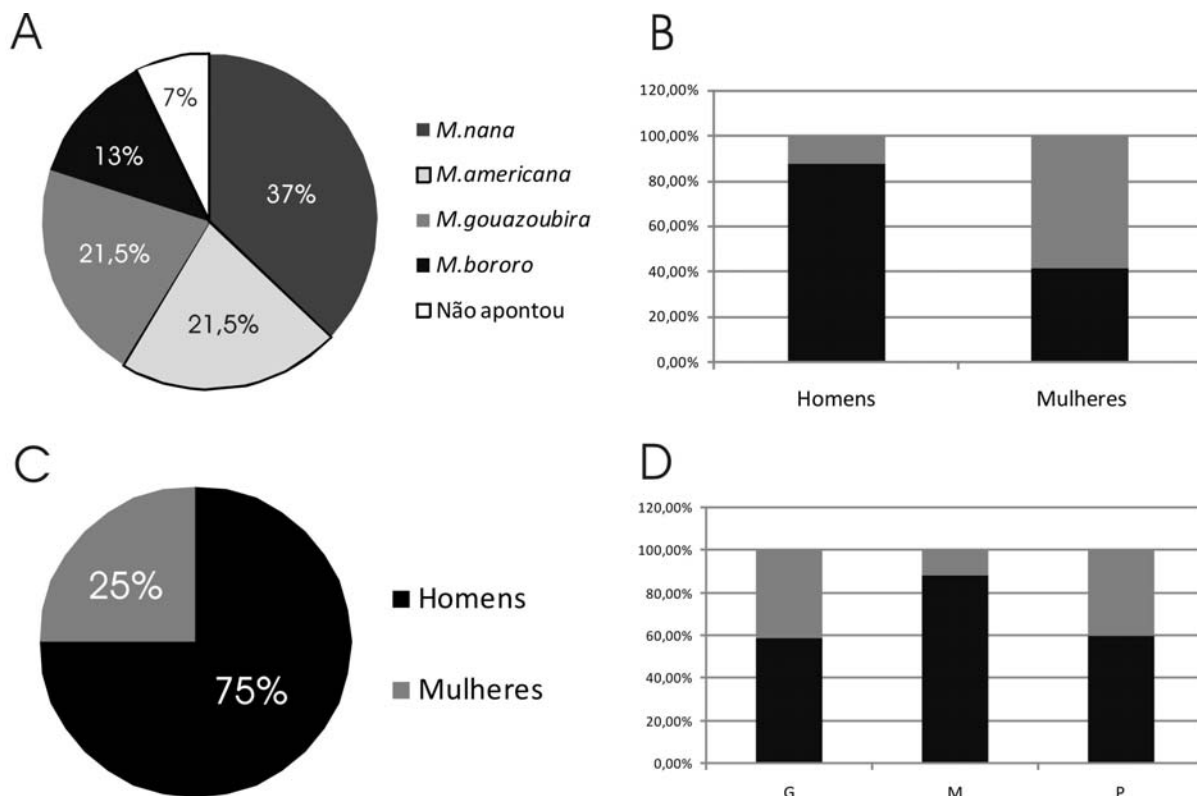


Fig. 2. (A) Percentual de apontamentos para cada espécie. (B) Percentual de avistagens entre a totalidade de entrevistados para cada sexo. (C) Percentual de Homens e Mulheres no total de avistagens. (D) Percentual de avistagens entre o total de entrevistados em cada classe de tamanho de vilarejo.

Dos 81 autóctones entrevistados, 59 avistaram e dos 19 alóctones entrevistados, 11 avistaram, ($U = 654,5; p = 0,312$). Este resultado pode ter ocorrido devido ao número pequeno de alóctones entrevistados ou mesmo que esse não seja um fator importante para se avistar um veado.

Foi observado que é necessário tempo de vida para que se tenha oportunidade de visualizar algum veado, já que a classe de idade que mais avistou esses animais foi a D. Dos 15 entrevistados, 14 já avistaram veados, havendo, portanto, uma diferença significativa na avistagem por classe de idade. A classe de idade que menos avistou foi a classe A. Nesta classe, dos 15 entrevistados, 5 avistaram, [$H(3, N = 94) = 15,26089; p = 0,0016$] (Fig. 3A). Os entrevistados com maior tempo de moradia na região, classe 1, avistaram mais que os entrevistados da classe 2, com menor tempo de moradia ($U = 820,0; p = 0,042$) (Fig. 3B). O fato de pessoas mais velhas e com maior tempo de moradia na região terem obtido um número de avistagens maior que os mais jovens e com menor tempo de moradia na região pode ter relação com a experiência de vida destas pessoas ou até mesmo com a degradação ambiental que vem ocorrendo ao longo dos anos na região. Assim, é provável que, há alguns anos, era relativamente mais fácil a visualização destes animais, como foi citado por vários entrevistados. Seu J., 63 anos disse que não vê veado a muito tempo.

A diminuição na abundância dos veados foi relacionada pelos entrevistados principalmente com a

atividade de caça. Segundo alguns entrevistados, a caça ocorreu intensamente no passado e atualmente não ocorre devido à fiscalização, enquanto outros relataram que a caça não ocorre porque acabaram os veados. Seu J., 72 anos: “sumiram os caçadores, sumiram também os veados”. KRÜGER (1999) encontrou declarações de alguns entrevistados sobre a diminuição na abundância de veados associada à proibição da caça, apesar de várias outras declarações indicarem que a proibição está contribuindo com o aumento da abundância.

Além desses relatos, sete entrevistados disseram que cães são utilizados para caçar veados. Seu E., 34 anos: “Pessoal tem uns cachorro que põe eles (os veados) pra levantar”. Querendo dizer que algumas pessoas têm cães utilizados para caçar veados. KRÜGER (1999); CUNHA & ALMEIDA (2002); SANCHES (2004) e MENDES *et al.* (2005) citam que a técnica empregada na caça de veados são armas de fogo com auxílio de cães; esses trabalhos apontam *Mazama spp.* como algumas das espécies mais procuradas pelos caçadores. MENDES *et al.* (2005) relatam que há uma preferência pela caça esportiva desses animais, proporcionando um divertimento para a população local. Este tipo de divertimento também foi relatado por alguns entrevistados, como Dona M., 68 anos: “É bonito ver cachorro correndo atrás de veado”.

Foi relatada por um entrevistado uma restrição para a caça desses animais relacionada com alguma crença religiosa. Seu A., 68 anos: “Um caçador foi caçar na 5ª feira

Santa e quando o cachorro acoava, o veado andava no ar, ele ia de um arto para outro arto no ar. Depois disto nunca mais caçou”. As crenças religiosas podem desempenhar um papel importante na conservação das espécies por limitar e definir o uso deste tipo de recurso; neste caso, essa crença pode ser considerada um tabu temporal, com acesso restrito no tempo.

Muitos moradores da região cultivam feijão para consumo próprio. Estes trabalhadores rurais envolvidos no cultivo do feijão parecem avistar os animais com certa frequência. Através deles, foram obtidos depoimentos

ocorre comprovadamente na região (BISAGGIO *et al.*, 2005). Esta espécie apresenta distribuição por todo Brasil, mas diferente das demais espécies, pode ocorrer em áreas antropizadas (DUARTE, 1997), como a atual paisagem da região estudada. Desta forma, a ocorrência de outra espécie do gênero *Mazama* na região estudada é pouco provável. Esses resultados demonstram assim a possível incapacidade no reconhecimento das espécies do gênero *Mazama* pela população rural do local de estudo, o que pode dificultar a proteção das espécies do gênero *Mazama* que se encontram ameaçadas. Portanto, os resultados sugerem que programas

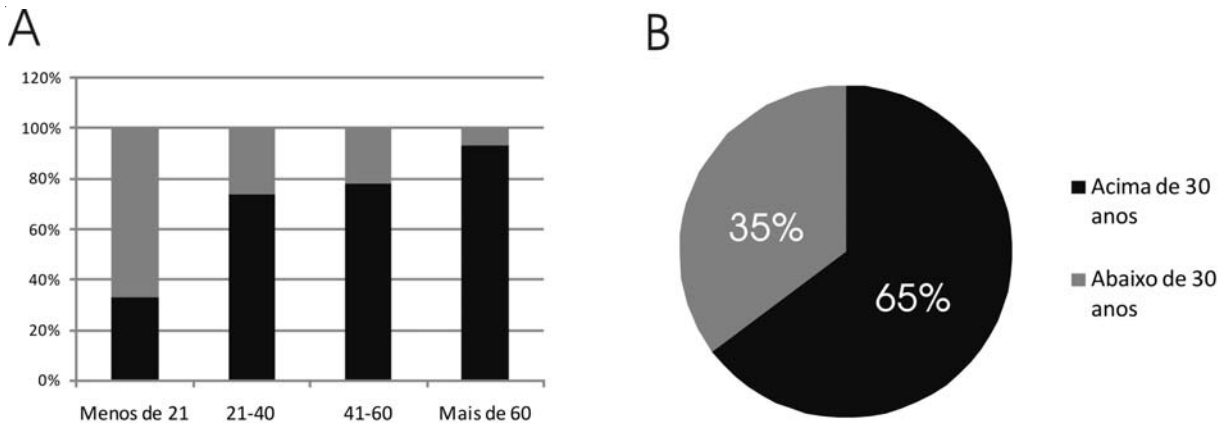


Fig. 3. (A) Percentual de avistagens em cada classe de idade. (B) Percentual de moradores que moram a mais de trinta anos e a menos de trinta anos na região entre o total de avistagens.

relativos a hábitos alimentares sinantrópicos. Nestes depoimentos os moradores relataram que os cervídeos pastam nas plantações, gerando um conflito entre homem e animal. Alguns entrevistados se exaltaram ao comentar a invasão dos animais em suas plantações, o que torna esta questão relevante. Seu F., 39, relatou: “Outro dia tinha um na minha plantação. Nesses lugares dá pra chegar bem perto deles”. KRÜGER (1999) encontrou em seu estudo que os animais que danificam as plantações eram muitas vezes caçados; nesse sentido, estas plantações serviriam como forma de atrair espécies cinegéticas. Segundo declarações dos informantes, as plantações de feijão, milho, mandioca e batata, serviriam como atrativo para os cervídeos estudados. Linares (1976) *apud* SANCHES, (2004) cita que as roças passaram a ser utilizadas como isca, devido à baixa abundância de animais silvestres no interior de florestas tropicais. A manutenção de pequenos cultivos nos quintais das casas possivelmente também permitiu aos caçadores compatibilizar agricultura com atividades de caça (SANCHES, 2004). Além disso, a utilização do sal do gado na dieta dos cervídeos também foi relatada, porém, parece ser insignificante para o criador de gado.

Dos 65 entrevistados que apontaram alguma espécie, 26 apontaram *M. nana* como sendo a espécie que ocorre na região; a espécie menos citada foi *M. bororo*, apenas 9 citações; de todos os entrevistados que avistaram, somente 15 apontaram *M. gouazoubira* [H (3, N= 65) = 8.2122; p = 0,0418]. *M. gouazoubira* é a única espécie que

de conservação e manejo para o grupo devem levar em conta o gênero como um todo, podendo não ser eficiente se forem voltados para uma única espécie.

M. gouazoubira apresenta hábito diurno, como relatou a maioria dos entrevistados, mas também podem apresentar picos de atividade tanto no período diurno, quanto no noturno (VOGLIOTTI, 2003). Animais desse gênero apresentam comportamento evasivo (VOGLIOTTI, 2003), como foi citado por vários entrevistados, porém não foi encontrada na literatura uma descrição mais completa acerca desse tipo de comportamento. Portanto, esses relatos podem ser úteis em um estudo de comportamento desses cervídeos. Apesar dessa informação, dois entrevistados deram evidências de criação de veado em cativeiro: Seu I., 55, disse que conhecia família que criava *Mazama* sp. mas o animal morreu porque comeu papel de bala. Seu S., 49, falou que o irmão criou “veada prenha que pariu” na propriedade do mesmo.

O aspecto morfológico mais citado pelos entrevistados foi a ausência de chifres. No entanto, animais machos do gênero *Mazama* apresentam chifres, como foi relatado por um entrevistado. Esses são pequenos e não ramificados, contudo pode ocorrer uma eventual ramificação do chifre de alguns indivíduos (DUARTE, 1997). A coloração não foi um aspecto muito citado pelos entrevistados, porém alguns citaram coloração avermelhada, como a do *M. americana*. A possível explicação para estes relatos pode ser a ampla variação morfológica que os indivíduos deste

gênero apresentam, podendo ser observada mesmo entre indivíduos da mesma espécie e população (DUARTE, 1997).

As fezes desses animais foram descritas por apenas um entrevistado que relatou serem parecidas com fezes de coelho. Vogliotti (comunicação pessoal) relatou que as fezes realmente são semelhantes à de coelho. Os entrevistados relataram que o hábitat ocupado pelos cervídeos são os campos, DUARTE (1997) cita que os *M. gouazoubira* podem ocupar áreas antropizadas e cultivadas, necessitando, porém, de pelo menos pequenas manchas de florestas para proteção e complemento de sua dieta. Portanto, o que os entrevistados relataram possui correspondência na literatura.

O único relato medicinal para o gênero na região foi o de Dona M.: Chifres: “Remédio para cólica braba, raspa o chifre e escalda o chá”. VOGLIOTTI (2003) encontrou em Serra de Paranapiacaba, SP a utilização medicinal de chifres, sendo estes, indicados no tratamento de distúrbios em mulheres no pós-parto e no tratamento de acidentes com cobras. COSTA-NETO (1999) também cita o uso de chá de raspas de cascos de *M. gouazoubira* para tratamento de asma em Feira de Santana, BA. CUNHA & ALMEIDA (2002) encontraram relatos medicinais dos chifres indicado para dores das mulheres no pós-parto e para dor de dente; além

disso, o tutano é utilizado para crianças que tem dificuldade de andar.

Se por um lado, a caça, o conflito entre homem x *Mazama* (danos agrícolas x alimentação humana) e a dificuldade de identificação das espécies que ocorrem na região podem ameaçar a conservação; por outro lado, a existência de crenças pode limitar a utilização desses animais, auxiliando na conservação dos mesmos. Portanto, identificar as ameaças e fatores que contribuem com a conservação na região de Ibitipoca é fundamental para a elaboração de um Plano de Manejo. Além disso, o registro do conhecimento dos moradores pode direcionar e subsidiar estudos sobre densidade e áreas de ocorrência de *Mazama* na região de Ibitipoca, possibilitando a integração entre conhecimento popular e científico e envolvendo a população local nos programas de conservação, tornando-os mais efetivos.

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos aos moradores da região do Parque Estadual do Ibitipoca. Aos Srs. Jose Miguel Gehara Neto e Gilberto Procópio de Souza pela hospedagem concedida. A Daniel Sotto-Maior pelo registro fotográfico. A Alexandre Schiavetti, pela ajuda. A Andréia Estrela pela ajuda e revisão do manuscrito. A Ricardo Kanitz e Henrique Figueiró pela revisão do manuscrito. E ao CNPq, à FAPEMIG e à UFJF pelas bolsas concedidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES AGC, FJB SOUTO & AM LEITE. 2002. Etnoecologia dos cágados d'água *Phrynops* spp. (Testudinomorpha: Chelidae) entre pescadores artesanais no Açude Bodocongó, Campina Grande, Paraíba, Nordeste do Brasil. **Sitientibus série Ciências biológicas** 2(1/2): 62-68.
- BEGOSSI A. 1998. Knowledge on the use of natural resources: contributions to local management. In: L HENS, RJ BORDEN, S SUZUKI & G CARAVELLO (eds.). **Research in Human Ecology: an interdisciplinary overview**. Proceedings of the Symposium organized at the VII International Congress of Ecology (INTECOL), Florence, Italy. pp. 39-52. Brussels: VUB Press.
- BEGOSSI A & JL FIGUEIREDO. 1995. Ethnoichthyology of Southern Coastal fishermen. **Bulletin of Marine Science** 56(2): 682-689.
- BEGOSSI A & JC GARAVELLO. 1990. Notes on ethnoichthyology of fishermen from the Tocantins river. **Acta Amazônica** 20: 341-352.
- BEGOSSI A, RAM SILVANO, BD AMARAL & OT OYAKAWA. 1999. Uses of fish and game by inhabitants of an extractive reserve (upper Juruá, Acre, Brazil). **Environment, Development and Sustainability** 1:73-93
- BISAGGIO EL, GC RIBEIRO, M GEHARA & A ANDRIOLO. 2005. Vegetation composition and the occurrence of *Mazama* in the State Park of Ibitipoca and surroundings, MG. MEETING OF THE ASSOCIATION FOR TROPICAL BIOLOGY AND CONSERVATION. Uberlândia, Brasil. p 107.
- CLÉMENT D. 1998. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). **Journal of Ethnobiology** 18:161-187.
- COSTA-NETO EM. 1999. Healing with animals in Feira de Santana City, Bahia, Brazil. **Journal of ethnopharmacology** 65: 225-230
- CUNHA MC & MWB ALMEIDA. 2002. **Enciclopédia da Floresta**. São Paulo: Ed. Companhia da Letras.
- DIEGUES AC. 2000. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Editora Hucitec-NUPAUB-USP.
- DUARTE JMB. (ed.) 1997. **Biologia e Conservação de Cervídeos Sul-Americanos: Blastocerus, Ozotoceros e Mazama**. Jaboticabal: FUNEP.
- EISENBERG JF & KH REDFORD. 1999. **Mammals of the neotropics: the central neotropics**. Chicago: University of Chicago Press.
- GASALLA MA 2003. Ethnoecological models of marine ecosystems: “Fishing for fishermen” to address local knowledge in southeastern Brazil industrial fisheries. **Fisheries Centre Research Reports** 11(1): i-ii.
- GAYOT M, O HENRY, G DUBOST & D SABATIER. 2004. Comparative diet of the two forest cervids of the genus *Mazama* in French Guiana. **Journal of Tropical Ecology** 20: 31-43.
- KRÜKER AC. 1999. **Etnozoologia e caça de subsistência na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil**. MSc diss. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- MARQUES JGW. 1991. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas**. Tese. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- MARQUES JGW. 1995. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco Alagoano**. São Paulo: NUPAUB/USP.
- MENDES FR, SB MIKICH, GV BIANCONI & WA PEDRO. 2005. Mamíferos do município de Fênix, Paraná, Brasil: Etnozoologia e conservação. **Revista Brasileira de Zoologia** 22(4): 991-1002.

- OLIVEIRA LD & JMB DUARTE. 2006. Gastro-intestinal transit time in South American deer. **Zoo Biology** 25: 47-57.
- PAZ VA & A BEGOSSI. 1996. Ethnoichthyology of Gamboa fishermen of Sepetiba bay, Brazil. **Journal of ethnobiology** 16(2): 157-168.
- RUMIZ DI, E PARDO, CF EULERT, R ARISPE, RB WALLACE, H GÓMEZ & B RÍOZ-UZEDA. 2006. New records and a status assessment of a rare dwarf brocket deer from the montane forests of Bolivia. **Journal of Zoology** 271: 428-436.
- SANCHES RA. 2004. **Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins-litoral sul de São Paulo**. São Paulo: Editora Annablume. 208p.
- VOGLIOTTI A. 2003. **História natural de *Mazama bororo* (*Artiodactyla Cervidae*) através da etnozoologia, monitoramento fotográfico e rádio-telemetria**. MSc diss. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.